

ALINE CRISTINA COSTA DE ARRUDA

Brasília, 2017

Aline Cristina Costa de Arruda

REFLEXÕES SOBRE MINHAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

Trabalho de conclusão de curso de Artes Plásticas, habilitação em Bacharelado, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de
Brasília.

Orientador: professor Drº Pedro de Andrade Alvim.

Brasília, 2017

Agradecimentos

Aos meus pais, Ademir e Lúcia.

A minha família, Tamara, Jeane, Nicole e Fabrício.

Ao Professores, Luiz Pedro, Márcia Almeida, Vicente Martinez e Pedro Alvim.

Sumário

1. Introdução	6
2. Referências	8
2.1. Minhas primeiras experiências	8
2.2. Almeida Júnior	9
2.3. Modernismo – 1ª fase: Anita Malfatti e Tarsila do Amaral	12
2.4. Modernismo - 2ª fase: Guignard e Volpi	16
2.5. Abstração: Tomie Ohtake	23
2.6. Pintura Contemporânea no Brasil	27
3. Pensamentos sobre minhas produções	29
3.1. Ideias e anotações sobre meu trabalho prático para Diplomação em Artes Plásticas	31
4. Considerações finais	35
5. Bibliografia:	38

Lista de figuras

Figura 1: O violeiro - 1899

Figura 2: Tropical, 1929.

Figura 3:: Carnaval em Madureira, 1924.

Figura 4: Bandeirinhas estruturadas com mastros, década de 70.

Figura 5: registro fotográfico da obra “Composição Bandeira do Brasil.

Figura 6: registro fotográfico da obra “Pântanos” – 2016.

Figura 7: registro fotográfico da obra “Floresta” – 2016.

Figura 8: registro fotográfico da obra “Corais”- 2016.

Figura 9: registro fotográfico da obra “Negro” - 2016.

Figura 10: Pinturas cegas.

Figura 11: Fases da elaboração da obra “ Mesclas”.

Figura 12: Registro fotográfico na Patagônia.

Figura 13: Oceano por lentes - 2016

1. Introdução

Após tempos de estudos, pesquisas e longos debates em sala de aula, os quais permearam a realização do meu curso de Artes Plásticas até agora, percebo que estão, a meu ver, cada vez mais sólidas as bases que sustentam o meu trabalho.

Digo cada vez mais, porque a busca pelo conhecimento, e até mesmo pelo autoconhecimento, é sempre uma constante que não cessa ao longo do tempo.

Sendo assim, nesta disciplina de conclusão de curso - Diplomação, procurei amadurecer ao máximo o trabalho que venho desenvolvendo desde Projeto Interdisciplinar, Ateliê 1, Ateliê 2 e agora nesta disciplina.

A fim de esclarecer, observo que este trabalho se constitui de uma pesquisa fundada em alguns itens principais, dentre vários outros detalhes: a pintura, tintas acrílicas, tintas a óleo, telas – como suporte principal e artistas, principalmente pintores, que de alguma forma contribuíram para minha produção.

Acrescento que há uma gama enorme de artistas que de algum modo influenciaram-me, mas, para este trabalho escolhi alguns que se relacionam mais com minha pesquisa.

Os pintores que foram selecionados para este trabalho, Almeida Júnior, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Guignard, Volpi e Tomie Ohtake contribuíram decisivamente para consolidação da pintura no Brasil.

Sobre o trabalho escrito, ele se forma do desencadeamento de várias etapas de pesquisa, as quais se modificaram um pouco a cada semestre, conforme novas leituras iam sendo realizadas e conforme as trocas com os professores e colegas do curso iam ocorrendo. Observo que as trocas com os colegas e professores foram essenciais para uma reflexão cada vez mais desdobrada e enriquecida pelos assuntos e comentários que abordamos.

Sendo assim, o trabalho em Projeto interdisciplinar iniciou-se com uma linha de pensamento mais enxuta, a qual seria baseada em um artista que pensei como referência, por ter ele marcado minha vida estudantil e contribuído para meu repertório inicial, Almeida Júnior e uma temática de minha preferência: a natureza.

Além do artista de referência e da temática principal, acabei, logo no início decidindo por uma forma de expressão artística, já que neste quesito eu não tinha muita dúvida do que queria fazer, pois a pintura sempre foi uma constante em minha trajetória.

Logo, em Ateliê 1, continuei meu trabalho, buscando algumas informações a mais sobre noções de arte, obra e maneiras de produzir. Paralelo às constantes indagações e pesquisas, meu trabalho prático sofria algumas mutações, mas sem se afastar do eixo principal que sempre me guiou: a pintura, às vezes a óleo e às vezes acrílica e a temática de inspiração - a natureza como fonte de milhares de tonalidades de cores.

Sendo assim, nesta disciplina de encerramento de curso, Diplomação, optei por continuar na mesma direção que eu vinha desenvolvendo o trabalho em Ateliê 2.

Devido à necessidade de estruturar o trabalho de uma forma lógica, que possibilite uma agradável leitura e um bom entendimento, ele se inicia com uma abordagem sobre minhas experiências e preferências na área das Artes.

Em seguida, desenvolve-se sobre o pintor Almeida Júnior, o movimento Naturalista e a pintura realista. Ainda, por ser essencial para formação da pintura no Brasil, expõe-se um ponto de vista sobre a primeira fase do movimento Modernista, com ênfase na produção de Anita Malfatti e de Tarsila do Amaral.

Mais à frente, explica-se um ponto de vista atual sobre uma segunda fase do Modernismo, a qual também foi essencial para o amadurecimento da pintura. Nesta, destacam-se: Guignard, Volpi.

Lembro, também, que ao pesquisar sobre essa segunda fase, deparei-me com as primeiras manifestações da Arte Contemporânea. Assim, evidenciou-se a importância dos movimentos anteriores na formação desta Arte. Nesse sentido, escolhi uma artista que, marcou a pintura abstrata brasileira: Tomie Ohtake

A partir da abordagem sobre Tomie Ohtake e sua importância para a formação da pintura, segue-se para uma explanação sobre a pintura contemporânea no Brasil.

Coloquei, também, alguns pontos da minha trajetória, que merecem destaque, como os artistas que escolhi como referência e a pintura em tela como

minha forma de expressão preferida. Quanto aos artistas, a escolha se deu pela importância que eles têm na Arte brasileira. Quanto à pintura, esta é uma linguagem, pela qual sinto admiração e afinidade.

Sobre o desenvolvimento do trabalho, a metodologia adotada foi a leitura de textos, pesquisa em livros e sítios da internet, visitas em museus e galerias de arte e, por fim, produção artística prática. O objetivo foi entender e refletir sobre como a minha produção artística prática se relaciona com esse estudo teórico.

Já no trabalho prático, concentrei-me em pintura, com tinta acrílica e a óleo, sobre tela. Pois, de fato, esta é a forma de expressão que mais me atrai por vários motivos, entre eles, destaco o tempo de convivência, já que desde a infância costumo realizá-la e, ainda, tenho grande admiração por pintores, como os citados acima.

Sobre minha produção, a natureza continua sendo minha maior fonte de inspiração. As cores e a luz são de fato aspectos que compõe meu trabalho. Assim, minha produção prática foi centrada em pinturas abstratas com uso de tintas acrílicas e a óleo, com inspirações na natureza.

Por fim, neste trabalho consta o registro da pesquisa e experiência que propiciaram o contato com ideias novas para mim, as quais surgiram das leituras e discussões durante o curso de Artes e principalmente nas disciplinas Projeto Interdisciplinar, Ateliê1, Ateliê 2 e Diplomação. Circunstância que fez com que eu parasse para refletir sobre minhas produções artísticas.

2. Referências

2.1. Minhas primeiras experiências

Acredito sempre que o motivo maior de minha escolha pelo curso de Artes Plásticas Bacharelado seja minha paixão pelas artes em geral. Entretanto, confesso que me interessei mais pela pintura. Do pouco que me lembro, dos meus primeiros contatos com as artes, lembro-me de que os quadros que existiam na minha casa, eram todos pintados pela minha mãe.

Em suas produções artísticas, ela usava tinta a óleo e tela. Sendo assim, a única forma, que eu entendia como arte, era a pintura em tela.

A partir daí, passei a acompanhar um pouco as artes, folheando revistas e livros

de pintura e ainda frequentando cursos práticos direcionados para essa forma de expressão.

Dos artistas que conheci, nessas minhas observações sobre a pintura, um em especial me chamou bastante a atenção: Almeida Júnior, com o qual me identifiquei devido à temática abordada por ele em suas pinturas e devido à forma de expressão utilizada.

Naquela época, minha admiração pelos trabalhos de Almeida Júnior era apenas quanto ao aspecto estético da obra, pois eu não tinha informação suficiente para saber o papel relevante e fundamental que teve tal artista para a História da Arte Brasileira.

Em minhas obras, influenciada, entre outros fatores, pela observação da produção de Almeida Júnior, exploro o uso da luz e das cores, trazendo esses efeitos para uma leitura abstrata e contemporânea, a partir da observação da natureza.

Desse modo, devido ao meu grande interesse pelos trabalhos deste pintor, resolvi pesquisar mais sobre sua trajetória e, ao aprofundar nas pesquisas sobre ele, toma espaço significativo em meu trabalho, dentre outros fatores, a importância da Arte Moderna, pois o artista teve papel essencial como precursor do Modernismo.

Assim, abaixo faço uma abordagem sobre Almeida Junior, em um primeiro momento, sobre Arte Moderna no Brasil, em um segundo momento.

2.2. Almeida Júnior

Almeida Júnior consagrou-se como um dos maiores pintores do século XIX, ao produzir obras de arte voltadas para vida cotidiana paulista. Nesse sentido, ele absorveu ideias novas que pairavam pela Europa, como as impressionistas (uso da luz) e do Movimento Naturalista/Realista (valorização das raízes locais), e introduziu na pintura brasileira.

Dessa forma, ele iniciou um estilo de pintura que o projetou como precursor do Modernismo, pois ele elegeu como tema principal da sua produção a cultura brasileira, as paisagens nacionais e a figura típica do homem brasileiro. Temática que logo mais seria a base do Modernismo. Consequentemente, Almeida Júnior promoveu uma ruptura com o período neoclássico dominante na época.

Desse modo, muito me agradam as obras de arte de Almeida Júnior, acho-as

fascinantes e dotadas de uma estética peculiar. Ele trabalhou com intensidade a luz e as cores: muitas de suas obras exploram o uso da luz, abordando temas do cotidiano, como paisagens, retratos, gestos, regionalismo e religiosidade.

Como aponta Lourenço (1980), Almeida Júnior recebeu grande influência do Impressionismo, pois após concluir seu curso na Imperial Academia, passou um tempo na Europa, onde aprendeu e incorporou técnicas deste movimento artístico. Desse modo, a luz é um componente presente sempre em suas obras.

Segundo o catálogo “Almeida Júnior: um criador de imaginários” (p. 46), o artista estudou na Imperial Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro, local em que foi instruído por Pedro Américo e Vítor Meireles, ainda recebeu uma bolsa do imperador dom Pedro II e por isso passou alguns anos em Paris, onde desenvolveu mais ainda sua pintura.

Um grande destaque na carreira do pintor foi a pintura realista, que formou a base do Movimento Naturalista, que à época vigorava na Europa e por influência desta, em São Paulo, onde chegou com certo atraso e enfraquecimento, devido às condições precárias de uma ex-colônia.

Conforme Lourenço (1980), Almeida Júnior representou uma ruptura com o estilo neoclássico, que ainda vigorava no Brasil, ao introduzir uma pintura que focava a realidade brasileira, ou seja realista.

O Realismo surge ligado ao momento histórico em que se buscava a aproximação com a objetividade que permeava o contexto de industrialização e desenvolvimento científico. Sendo assim, o artista deveria ser o mais fiel possível a realidade natural, social e histórica.

Ocorria que a província de São Paulo buscava, no fim do século XVIII e início do século XIX, devido ao momento econômico – dificuldades com a produção de café - e político – novas ideias republicanas - que viviam, a construção de uma nação com identidade própria e não mais com características de colônia. Para isso, foram criadas algumas instituições voltadas para a investigação da natureza e do ser humano, de modo que se pudesse construir uma história ligada a uma identidade nacional e à sociedade brasileira.

Esse ideal que predominava em São Paulo formou um terreno propício ao desenvolvimento do trabalho realista que Almeida Júnior fazia, o que acabou por valorizá-lo como artista e possibilitou ainda que ele colaborasse com esse momento,

tanto para o Naturalismo e para as Artes, quanto para a Ciência e indústria, como se vê em Lourenço (1982, p.105): “O artista em estudo examina cuidadosamente a natureza dada e a humana como se fosse um cientista, que decifra e interpreta nexos.”

Ou seja, houve um esforço, em São Paulo, de valorizar a realidade brasileira, sem deixar de lado as influências que vinham da Europa, como ocorreu no Movimento Naturalista naquela cidade.

Dessa mesma forma, Almeida Júnior trouxe para pintura brasileira, a bagagem de conhecimentos que ele acumulou em suas experiências na Europa, desde sua primeira viagem em 1876, em que ele permanece até 1883, sendo que neste intervalo ele realiza um curso na École des Beaux-Arts de Paris, em 1878, e expõe no Salon Officiel des Artistes Français, em 1879. Assim, com sua habilidade e sensibilidade transportou tal conhecimento para a Arte Brasileira.

Observa-se que Almeida Júnior adaptou as técnicas artísticas da Academia, assim como as influências impressionistas – o uso da luz, para os temas da sociedade brasileira. Em consequência, as obras de arte deste pintor são diferentes da maioria que era produzida no século XIX, principalmente quanto à temática abordada.

Apresento a seguir uma obra de Almeida Júnior:



Figura 1: O violeiro - 1899
José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899)
Técnica e dimensões: óleo sobre tela, 141x172 cm
Disponível em: <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca>
Acesso em: 06/10/2015

Desse modo, Almeida Junior, como afirma, Amaral (1990), iniciou um rompimento com a cultura da Academia, introduziu aspectos da arte impressionista (uso da luz) e do Movimento Naturalista (valorização das raízes locais), dando início a um estilo de pintura que o projetou como precursor do Modernismo, especificamente por ter como tema central de seus trabalhos a cultura brasileira, as paisagens nacionais e a figura típica do homem brasileiro.

Percebe-se, então, os primeiros passos em direção ao Modernismo: Almeida Junior introduziu na pintura brasileira elementos característicos da cultura brasileira, apresentando uma narrativa que colocava o homem típico brasileiro, nas paisagens deste país.

Ainda, o pintor trabalhou de forma peculiar a luz e o gesto humano, mostrando-se aí um grande colaborador para a formação da ideia que seria o cerne do Modernismo: a temática brasileira.

O Modernismo traz como ideia central a valorização das raízes brasileiras como elemento fundamental para a Arte Brasileira e conseqüentemente formação de uma identidade nacional.

Nota-se, então, que houve um claro relacionamento entre o Naturalismo/Realismo e o Modernismo. Chiarelli (2012, p.39) coloca muito bem esse ponto em:

“E seria justamente nesse desejo de estabelecimento de uma arte típica, que residiria o substrato da estética naturalista/realista que se manifesta na produção artística e na crítica modernista, desde praticamente o seu início. “

2.3. Modernismo – 1ª fase: Anita Malfatti e Tarsila do Amaral

Observa-se que Almeida Júnior teve papel fundamental nas primeiras realizações que focaram na temática brasileira, a qual viria ser o eixo de sustentação do Movimento Modernista. Entretanto, destacam-se Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, dentre outros importantes artistas, como impulsionadoras e artista essenciais para a concretização do Modernismo.

Quanto ao Modernismo, tem-se a Semana de 22, como o marco da primeira fase do Movimento Modernista Brasileiro. Mas, acrescenta-se que antes dessa semana, dois outros artistas realizaram exposições que já se definiam como

modernista, são elas: a de Lasar Segall, no ano de 1913 e a de Anita Malfatti, 4 anos mais tarde.

Destaca-se aqui a participação de Anita por ser ela a primeira artista brasileira a apresentar a pintura modernista em uma exposição. Na época, Anita recebeu muitas críticas, principalmente de Monteiro Lobato, o que despertou o interesse de outros artistas e fortaleceu o movimento Modernista.

Vê-se, então, que Anita tem papel importante no Modernismo pois, ao voltar de suas experiências fora do país, em Nova York, ela introduz uma Arte voltada para a cultura brasileira, o que se denominou “Retorno à Ordem”.

O Retorno à Ordem era um Movimento que valorizava a conexão do artista e suas produções com as suas tradições nacionais. Isso quer dizer que o artista brasileiro deveria ter uma produção alinhada com uma arte brasileira.

Sobre esse Movimento, Chiarelli (2012, 61) esclarece:

“...Também chamaria a atenção o fato de que muitos desses artistas que processavam o Retorno à Ordem voltavam a dar especial atenção à recuperação e a ampliação das culturas visuais de seus respectivos países.”

Segue abaixo uma das mais importantes obras de Anita, Tropical, que se encontra na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Essa obra constou da Exposição que a artista realizou em 1917.



Figura 2: Tropical, 1929.
Anita Malfatti (1889 – 1964)
Técnica e dimensões: óleo sobre tela, 102x77 cm

Visto brevemente a significativa participação de Anita Malfatti, segue-se agora para a participação de Tarsila do Amaral.

O Modernismo tem também Tarsila do Amaral como uma forte influência para o Movimento, pois a artista propõe uma arte totalmente ligada a elementos caracterizadores da cultura brasileira.

Neste sentido, Tarsila liderou o movimento Pau-Brasil, o qual buscava uma arte brasileira, porém de certa forma era contrário à técnica e estética de Almeida Júnior, como se lê em Araújo (1998, p.8):

“À primeira se referia ao exigir: “ O trabalho contra o detalhe naturalista – pela síntese, contra a morbidez romântica – pelo equilíbrio geométrico e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela intervenção e pela surpresa. “

Ressalta-se aqui que Tarsila, diferente do ocorreu com Anita, vivenciou um momento maior de amadurecimento com relação a adesão ao Movimento Modernista, já que a artista somente se identificou definitivamente como ele, após sua volta de Europa, em 1922, enquanto Anita já se identificava como modernista desde sua Exposição em 1917.

Tarsila, assim como Almeida Júnior, Anita e vários outros artistas brasileiros, vivenciaram experiências na Europa e Estados Unidos, as quais lhes possibilitaram o contato com artistas e movimentos no exterior.

No caso específico de Tarsila, a artista vivenciou experiências com artistas europeus, as quais lhe permitiram amadurecer em sua arte e desenvolver-se por várias fases.

Por certo período, Tarsila passa por uma fase em que ela própria se definia como cubista. É dela a seguinte colocação sobre o Cubismo, Amaral, (2003, p.140):

“...é um movimento baseado no conhecimento das artes passadas. Não destrói as escolas antigas, mas repele a continuação dessas mesmas escolas, num século em que elas não tem mais razão de ser. Nasceu com a fragmentação da forma. Era, pois, a continuação do Impressionismo – a fragmentação da cor”.

Observa-se na citação de Tarsila a admiração e aproximação que ela estava tendo com o Movimento Cubista. Entretanto, sabe-se que este desenvolveu-se em várias etapas e que a artista teve contato com a fase mais madura.

Esse contato se deu com vários artistas como: André Lhote, e Albert Gleizes. A partir dessa experiência a artista passa a entender que o Cubismo é fundamental para a formação do artista. Neste ponto, destaca-se a relação da Arte Brasileira com o Cubismo, por meio da produção de Tarsila, já que a artista absorve as influências cubista e traz para sua produção.

Uma obra de Tarsila com aspectos cubistas:

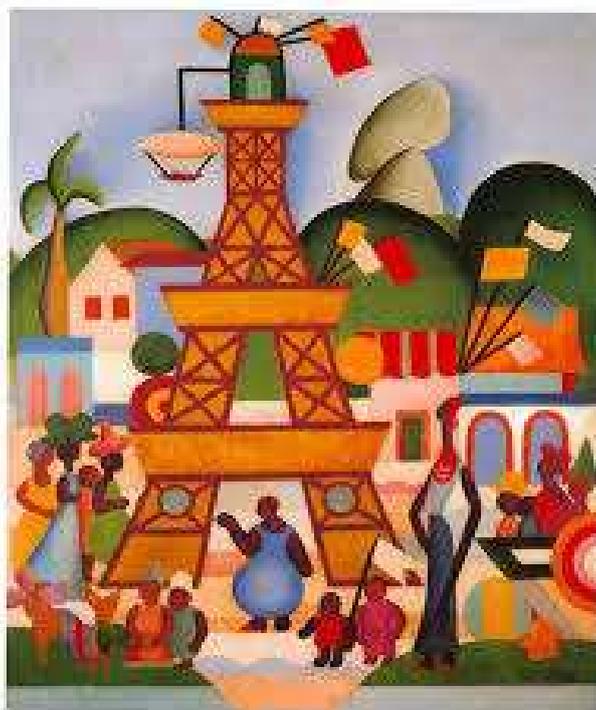


Figura 3:: Carnaval em Madureira, 1924.
Tarsila do Amaral (1886-1973)
Técnica e dimensões: óleo sobre tela, 76x63 cm
Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/213639576043260840/>
Acesso em: 20/05/2017

A importância do Cubismo para obra de Tarsila se dá ao possibilitar que a artista compreendesse de forma estruturada a visualidade das imagens brasileiras. Desse modo, reduziu tais imagens – paisagens e o homem brasileiro - a elementos pictóricos básicos.

Quanto à produção de Tarsila, destaca-se ainda, não como uma fase específica, mas como uma obra em particular, a pintura “Abaporu”, símbolo do Antropofagismo de Oswald de Andrade. Como citou Amaral (2012, p. 280):

“Era tão intensa a vinculação com a terra nessa figura central que correram ao dicionário tupi-guarani de Montoya, que pertencia ao pai de Tarsila, para obter um nome para tela. Finalmente compuseram a palavra: Abaporu. Aba: homem; poru: que come.”

Essa obra era resultado de uma pesquisa de Tarsila, em que ela espontaneamente utilizou elementos da cultura brasileira.

Destaca-se que a obra teve papel fundamental para o Movimento e também para demonstrar a relação do Antropofagismo com o Surrealismo. Como cita Amaral (2012, p.287): “O elemento mágico, o inconsciente, não seriam apenas uma característica da obra pictórica de Tarsila, mas ligaria ao antropofagismo o surreal.”

Nesse sentido, os intelectuais da época consideravam o Surrealismo um antecessor do antropofagismo.

Após essa breve explicação sobre a importância da primeira fase do Modernismo, segue-se agora, então, para a segunda fase. Nesta destacam-se, para este trabalho em particular, alguns artistas, como: Guignard e Volpi.

2.4. Modernismo - 2ª fase: Guignard e Volpi

Na primeira fase, valorizava-se o real, as paisagens brasileiras, a sociedade local e o homem brasileiro. Sendo assim, não se cogitava, nesse período, uma produção voltada para o inconsciente, para a abstração. Como observa Chiarelli, (2012, p.20):

“O máximo permitido para aquele Modernismo, era o uso de estilemas oriundos de procedimentos surgidos durante as vanguardas históricas (certa geometrização do fundo, deformação expressiva de figuras.), que não nublassem a estrutura fundamental realista das pinturas e esculturas. ”

Assim, na segunda fase, os artistas absorveram influências de várias correntes europeias, e incorporam em seus trabalhos a figuração nas pinturas. Daí, neste ponto, a grande importância de Alberto da Veiga Guignard.

Sabe-se que tal artista não era exatamente um modernista, pois diferente de artistas como Anita e Tarsila, ele não inseriu em suas obras correntes artísticas contemporâneas como o Cubismo.

Sua contribuição está muito mais em sua sensibilidade para percepção da natureza/paisagens e suas interpretações artísticas. O artista viveu parte de sua vida na Europa, onde absorveu linguagens modernas e por isso ele tinha um ótimo domínio da pintura e assim produziu telas de altíssima qualidade.

Suas obras, em determinada fase apresentam um certo Surrealismo. Mais tarde, na metade da década de 30, ele se detém a pintura de paisagem.

Guignard trouxe para suas obras influências que ele absorveu do Modernismo Francês de mestres como Henri Rousseau e ainda influência de outros mestres como Cézanne, Matisse e Raoul Dufy. Entretanto, apesar das influências citadas, ele desenvolveu o seu próprio modo de produzir, pois abordou sempre a temática brasileira e contribuiu para o desenvolvimento da pintura moderna no Brasil. Como expões Chiarelli:

“As áreas de cada uma das telas, impregnas pelo óleo diluído em tons baixos, e pontuadas por singelas demarcações feitas com pincel a posteriori, demonstram um dos pontos altos que pintura moderna alcançou no Brasil, apesar de todas os entraves que lhe foi impingindo pelo Modernismo.”

Acrescento que o trabalho de Guignard é uma excelente referência para minha produção por vários motivos: o artista trabalhou muito bem a paisagem brasileira com certa abstração. Ainda, ele utilizou as cores predominantes na natureza – azul, verde e amarela. Sendo assim, sua produção é uma referência essencial para os meus trabalhos.

Assim como Guignard, Alfredo Volpi fez parte da segunda fase do Modernismo e também foi um artista de grande destaque e importância para a história da Arte Brasileira.

Há alguns anos, participei de uma visita guiada no Banco Central do Brasil e nesta ocasião discutimos e apreciamos várias obras de Volpi, as quais fazem parte do acervo permanente do Banco.

Na época fiquei encantado com o trabalho do pintor e senti grande identificação. O artista, ao longo de sua trajetória, passa por várias fases, as quais têm como ponto comum o constante uso das cores. Suas paisagens, especialmente da década de 30, são repletas de cores, bem trabalhadas e harmoniosas.

As cores são um elemento tão importante do trabalho de Volpi que o fizeram ser reconhecido como um grande colorista. Ultimamente, tenho me dedicado a estudar e analisar, dentre outros artistas, as obras de Volpi, pois um dos aspectos mais importantes do meu trabalho é o uso das cores. Quanto a isso, Volpi nos deixou excelentes experiências e ensinamento.

O Catálogo “Emoção da Cor” ressalta bem o trabalho de Volpi quanto ao seu surpreendente uso das cores (2014, p.4):

“Volpi praticava o que era conhecido na época como “manchas”, pinturas de observação, em geral realizadas em suportes de pequenas dimensões e materiais simples como madeira ou cartão. Trabalhava com pequenas pinceladas, pastosas, iluminando detalhes, num vago impressionismo, mas, em algumas dessas obras já é possível perceber uma grande sensibilidade.”

Volpi tinha uma maneira própria e singular de produzir. Esse é um dos fatores mais valorizados em sua obra: a originalidade. O pintor se dizia autodidata. Araújo, (1998, p.84) coloca:

“Foi obrigado a refazer por si mesmo toda evolução da arte moderna nos séculos XIX e XX a partir do Impressionismo, no percurso que vai da representação ainda mimética (isto é: uma arte que parte da observação da realidade e a transforma) até a abstração geométrica pura.”

Em um primeiro momento Volpi se dedicou a pintura figurativa, como as paisagens que referenciavam a realidade, mas não de maneira realista ou acadêmica.

A partir da década de 40, ele desenvolveu um trabalho baseado naquilo que já vinha realizando, entretanto introduziu a forma geometrizada. Nesse sentido, ele seguiu para a abstrata, abandonou o uso da perspectiva, partindo para a bidimensionalidade e acabou atingindo um trabalho de abstração geométrica.

Ao mesmo tempo em que Volpi se dedicava à pintura abstrata geométrica, ocorria o Movimento Concretista no Brasil. Tal Movimento inseriu Volpi em suas atividades, de modo que o artista que antes era independente de qualquer grupo, tornou-se um símbolo da arte geométrica e, mais precisamente, do Concretismo. Em consequência ele participou da Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956.

Assim como a maioria dos artistas, Volpi também vivenciou várias fases nas artes. Desse modo, passada a fase da abstração geométrica, já no fim da década de 50, o artista volta a produzir de maneira figurativa. Entretanto, não era uma figuração narrativa.

Observa-se que nesta fase ele retoma a figura de forma geométrica, pois ele carrega para este momento as influências da fase de abstração geométrica. Assim, pode se ver em seus trabalhos, a partir da década de 60, com as bandeirinhas, que na verdade tinham uma função estrutural, pois eram formas geométricas, as quais propiciavam uma superfície planificada e com ideia de ritmo.

Já na década de 70, o pintor desenvolveu o trabalho da série “As Bandeirinhas”. Nessa fase fica mais nítido o estudo que ele faz, com as diversas experiências, sobre as cores, as tonalidades e combinações, sobre as linhas e as formas. Ainda, quanto à cor, seus trabalhos em têmpera propiciam uma cor acurada e ao mesmo tempo com certa transparência.

Sendo assim, após várias fases de desenvolvimento artístico, Volpi atinge, em sua pintura uma produção construtivista e abstrata.

Ainda nesse contexto, sobre as pesquisas acerca das produções de Volpi, relato aqui uma experiência que tive no semestre anterior: Nas minhas pesquisas sobre Volpi tenho observado as possibilidades que o artista nos mostra sobre o uso das cores. Influenciada por essas análises, em minha última tela utilizei tons bem

diversificados como vermelho, laranja, preto, a amarelo. Acabei saindo um pouco de meu tradicional azul e verde. Foi uma experiência muito interessante e que rendeu resultados inesperados.

Segue abaixo um trabalho de Volpi:

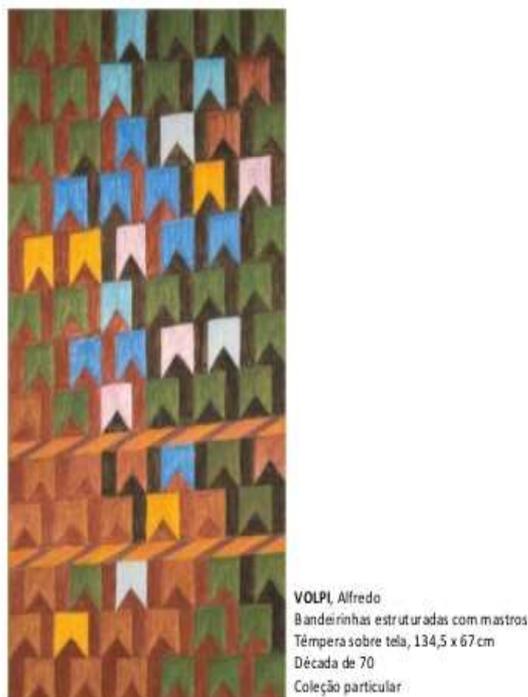


Figura 4: Bandeirinhas estruturadas com mastros, década de 70.

Alfredo Volpi: (1896-1988)

Técnica e dimensões: Têmpera sobre tela 134,5 x 67 cm.

Disponível em: http://almeidaedale.com.br/file/publicacoes/4-folder%20ad%20volpi2014_online.pdf

Acesso em: 15/11/2016

Em Ateliê 2, realizei uma visita ao Banco Central, a fim de conhecer melhor as obras de Volpi. Entretanto, ocorria naquele momento a exposição “A Persistência da Memória”, cujo tema central foi o surrealismo.

A visita foi bastante produtiva, porém nessa exposição consta apenas uma obra de Volpi: o painel “Composição, Bandeira do Brasil. Sendo assim, aproveitei a oportunidade para fazer uma análise minuciosa da obra, já que ela é bem grande e permite visualizar detalhes bem próximo.

Abaixo consta uma foto bem aproximada que tirei de um ponto do painel com sua respectiva referência:

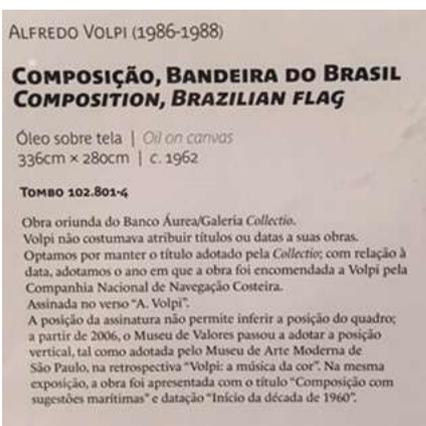


Figura 5: registro fotográfico da obra “Composição Bandeira do Brasil.”

Registro fotográfico em 15/11/2016

Registrada por: Aline Arruda

Nota-se que o artista trabalha a superfície da tela com diversas sobreposições de pinceladas, de modo a formar uma cor intensa, planejada e uniforme. Isso atribui à obra uma nítida delimitação das cores, assim como a valorização da linha e da forma geométrica.

Outro fator que achei interessante foi a forma como as pinceladas foram feitas: em todas as direções. Desse modo, tem-se uma textura formada pelo encontro dessas pinceladas. Essa textura é uma característica que me causou curiosidade e por esse motivo realizei algumas experiências desse tipo. Como exemplo, colo abaixo duas obras minhas:



Figura 6: - Pântano - 2016
Técnica e Dimensões: óleo e acrílica sobre tela, 40 x 50 cm
Foto: Aline Arruda
Data: 26/06/2017



Figura 7: - Floresta - 2016
Técnica e Dimensões: óleo e acrílica sobre tela, 40 x 50 cm
Foto: Aline Arruda
Data: 26/06/2017

Como se viu acima, a segunda fase do Modernismo é marcada pelo geometrismo, pelo não figurativo e pelo abstracionismo. Este último marcou a arte brasileira, pois introduziu com mais força o uso de suportes/materiais não convencionais, abrindo espaço para outras artes, como o design gráfico, além da

tradicional pintura. Esses movimentos deram origem ao concretismo e neoconcretismo.

2.5. Abstração: Tomie Ohtake

Nesse contexto do abstracionismo, além de Volpi, uma artista em especial é destacada aqui, devido a correlação com meu trabalho: Tomie Ohtake.

Tomie Ohtake foi uma pintora japonesa que se instalou no Brasil e começou sua produção artística a partir da década de 50. Ela trabalhou inicialmente uma pintura figurativa, após essa fase, partiu para uma pintura abstrata.

Minha admiração pela produção dela se deve à forma surpreendente como ela trabalhou. Suas telas são riquíssimas e com uma estética que nos remete a profundas reflexões. As múltiplas pinceladas que Tomie usava, em conjunto formam imagens abstratas, mas com profundidade, devido às diferenças de tonalidades.

No texto “Tomie Ohtake, Frases mais Rápidas que a Mão”, os autores Paulo Miyada e Carolina De Angelis relatam um pouco da trajetória da artista e ressaltam alguns detalhes importantes como:

“Produzir arte, viver como artista – ambição que não tinha um direcionamento predeterminado e que começou alimentada pelos estudos mais tradicionais de temas figurativos: naturezas mortas, retratos, casas e paisagens urbanas.”

Nesse ponto, senti grande identificação, pois também comecei com esse tipo de pinturas, a qual é a mais comum de se encontrar em cursos básicos de pintura no Brasil. Entretanto, a partir de um amadurecimento dessa forma de expressão, comecei a questionar tais maneira de se produzir e a questionar também a minha ausência de liberdade e o limite das temáticas abordadas por mim.

Sendo assim, algumas questões passaram a ser o cerne das minhas reflexões, com relação à pintura: Por que devemos seguir padrões pré-definidos na pintura, a fim de alcançarmos um resultado agradável para os olhos humanos e esteticamente belos.

Sabe-se que esta é uma questão superada na Arte Contemporânea, entretanto ainda é uma realidade na sociedade comum. Daí o contraste dos sentimentos, o motivo para que tais questionamentos surjam, o choque entre o que se vê no convívio social e as ideias que surgem quando se entra em contato com o meio acadêmico.

Ainda me inspira muito a maneira como Tomie desenvolveu seu trabalho, de forma livre, sem a busca por conceitos pré-estabelecidos e se libertando, mas não negando, a forma sistemática de fazer pintura nos cursos populares brasileiros.

Em meus trabalhos, assim como fez Tomie, também tenho buscado desenvolver minhas obras de arte com liberdade de expressão, tanto quanto ao conteúdo, quanto a forma de se fazer. Assim, tenho aprofundado em formas mais orgânicas, estudo das cores e suas variações conforme a incidência da luz, evitando marcas rígidas e mensagens exatas.

Nesse contexto, lembro que Tomie dizia em suas entrevistas que não dava títulos às obras que fazia e desse modo permitia que o espectador ficasse livre, e pudesse aproveitar uma gama de possibilidades de pensamentos e interpretações, a partir das inspirações e sensações advindas da análise da obra que a artista produzia.

Sendo assim, observo que o trabalho da artista se concentra fundamentalmente na exploração do gesto, da relação entre seus movimentos e os materiais. As possibilidades que surgem da interação entre a artista, as texturas, o suporte, as tintas e pincéis.

Em meu trabalho busco estudar o sentido que Tomie dava as suas produções. Acho muito interessante esse processo de se analisar os gestos e seus produtos. Como exemplo, cito a experiência que vivenciei durante a graduação, pois realizei várias experiências nesse sentido e assim produzi diversas telas abstratas que se formam de manchas, cores e sobreposições a partir de gestos e movimentos livres, como nas duas obras minhas abaixo:



Figura 8: - Corais - 2016
Técnica e Dimensões: óleo e acrílica sobre tela, 40 x 50 cm
Foto: Aline Arruda
Data: 26/06/2017



Figura 9: - Negro - 2016
Técnica e Dimensões: óleo e acrílica sobre tela, 40 x 50 cm
Foto: Aline Arruda
Data: 26/06/2017

Miguel Chaia em “A dimensão Cósmica na Arte de Tomie Ohtake” ressalta que a produção de Tomie apresenta ligações semânticas com as temáticas da Natureza. Entretanto, tal produção não se ocupa da fiel reprodução de itens formadores da natureza.

Evidencia-se aqui, outro aspecto da produção de Tomie que se relaciona com meu trabalho, pois também adoto como temática principal a natureza em seu aspecto amplo: cores, formas, luz e sentidos. Mas, assim como Tomie não reproduz literalmente a natureza.

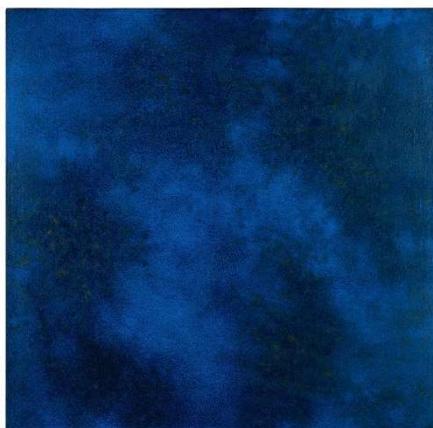


Figura 10: Pinturas cegas.
Tomie Ohtake, 1913 – 2015.
Dimensão: 1417x 1474.
Disponível em: <http://museudeartedorio.org.br/pt-br/node/597>
Acesso em: 15/11/2016.

Na obra acima, Tomie trabalha a profundidade da imagem com o uso do contraste entre as cores mais escuras e mais claras. A luminosidade concentrada em alguns pontos da obra, ressalta a profundidade, ao contrastar com as manchas escuras.

Observa-se que para obter essa sensação de profundidade, a artista não se utiliza da linha rígida (com limites bem definidos) e sim de pinceladas rápidas, sem mistura de tintas. Neste caso, as cores são puras na tela, o que transmite naturalmente a sensação visual de profundidade - na parte escura- e de luz, mais à frente, na parte azul - mais clara. Com essa técnica a artista apresenta um resultado de cores que nos remete ao universo, ao infinito ou ao cósmico.

Claro está a importância que a artista teve para a Arte Contemporânea brasileira, ao contribuir com a ruptura da arte clássica, rejeitando em suas produções o realismo, e ao contribuir para o avanço da pintura abstrata contemporânea.

2.6. Pintura Contemporânea no Brasil

Como se sabe, a Arte Contemporânea vem se desenvolvendo desde o início do século 20 e vem recebendo influências em vários sentidos. Sendo assim, não há uma ruptura brusca entre Arte Moderna e Arte Contemporânea. Há uma transição, um desenrolar.

Na Arte Contemporânea, devido à característica da sociedade de hoje – muito urbanizada e diversificada, não faz sentido mais o artista ser uma pessoa altamente especializada, daí o motivo da Arte Contemporânea carregar essa variação enorme de questões, ideias, materiais e formas.

Com isso, o artista adquire um nível de liberdade, que já vinha se desenvolvendo desde o fim do século XIX. Como explica Duarte (2008, p. 26) sobre o artista moderno:

“Como profissional, está só e em plena posse de seus meios de produção. Seu pensamento, sua imaginação, sua sensibilidade e seus conhecimentos técnicos – que pertencem à sua época, ao lugar em que vive, e foram conformados pela sua história pessoal - se manifestam no seu maior ou menor talento, constituído por aptidões tanto inatas quanto adquiridas, conscientes e inconscientes. E que não estão mais sujeitos a um programa extra - artístico.”

Nota-se a partir disso que a Arte Moderna, além de trazer o questionamento sobre a representação e não-representação, com o surgimento das tendências abstracionistas, também já questionava a liberdade temática. Ainda, surgiam as ideias sobre a forma da obra de Arte.

O que ocorre na Arte Contemporânea é a flexibilização, ainda maior, principalmente sobre a forma da obra de arte. Sem nenhum momento desmerecer o valor desta. Duarte, (2008, p.29) explica:

“O “conteúdo” de uma obra, seja ela qual for, e aqui convém lembrar, qualquer que seja o gênero – artes visuais, música, teatro, dança, ópera, fotografia, cinema, literatura, etc. -, não importa; só tem interesse artístico pela forma que adquire. Esse conteúdo só tem interesse pela forma que adquire. Esse conteúdo não interessa sem a formalização que

apresenta a obra. A forma é o núcleo de sua poética, isto quer dizer: forma e conteúdo são indissociáveis na obra de arte. “

Para o autor, a forma constitui-se em elemento de grande importância no contexto principalmente da Arte Contemporânea. Isso se dá, entre outros fatores, devido ao fato de ter ocorrido um declínio nos grandes temas e narrativas. Com isso, houve uma maior valorização da forma na obra de arte.

Já quanto ao conteúdo, principalmente na Arte Contemporânea, este é subjetivo, no que se refere à interpretação. Duarte (2008, p.21), coloca também:

“A natureza do conhecimento artístico é sempre de ordem subjetiva. Ninguém analisa, do ponto de vista estético, ou seja, do ponto de vista da teoria da arte, uma obra objetivamente, tal como um biofísico analisando e explicando o funcionamento de uma macromolécula ou um matemático demonstrando um teorema.”

Ou seja, devido a subjetividade, a interpretação das mensagens transmitidas é infinita e mutável no tempo e no espaço. Depende de cada espectador e de cada interpretação, não há uma interpretação extremamente específica e calculada.

Assim, cada pessoa tem uma percepção, muito influenciada pelo contexto cultural em que o indivíduo está inserido. Neste contexto, Almeida (2015, p. 110) afirma: “A soma das impressões provenientes dos organismos sensoriais, desencadeiam sensações que, interpretadas em função de nossas experiências, constitui a percepção.”

Desse modo, o sentido de uma obra de arte, é para cada pessoa, um específico e resulta de um conjunto de fatores como as experiências e vivências pessoais associadas à forma de captar o meio ao redor. Neste contexto reside a subjetividade do conteúdo. Como diz Almeida (2015, p.90):

“No entanto entre o que eu faço e o que o outro vê não há, necessariamente, o mesmo sentido. E entre um sentido e outro existe um abismo anti-comunicativo; e é dentro desse abismo que reside a linguagem poética.”

Sendo assim, a linguagem poética permeia o universo do artista, com todas as suas percepções e experiências, e também permeia o universo do outro, que tem percepções e experiências próprias e distintas. Essa linguagem integra a obra de arte de forma difusa, tanto do lado do trabalho do artista, quanto do lado da interpretação do espectador.

Por fim, como se viu na Arte contemporânea surgem com grande representatividade, vários tipos de arte como as vídeo-artes, as fotografias, as performances, as instalações e os happenings. Entretanto, a pintura continua com espaço garantido.

3. Pensamentos sobre minhas produções

Após colocar um pouco das minhas referências e explicar sobre importantes artistas brasileiros, apresentarei uma obra, que é o resultado prático e artístico, dos meus estudos, pesquisa e reflexões que se desenvolveram durante o curso. Entretanto, antes disso, farei um breve relato sobre minhas experiências.

No desenrolar das obras, tomei nota de pensamentos, ideias e sensações que permeavam meus sentimentos naquelas circunstâncias. Sendo assim, abaixo transcrevo parte daquilo que em palavras compõem minha produção.

Ao entrar em contato com tintas acrílicas, que secam quase que instantaneamente, devido a sua composição à base de água, as primeiras sensações que me vêm são de cores muito intensas, que imediatamente me remetem a referências da natureza, como o céu infinito e as florestas tropicais verdes e densas.

No meu caso, que tenho grande admiração pelas paisagens naturais, uma onda de verdes e azuis toma logo o espaço. Antes que eu inconscientemente faça uma árvore ou um mar, mergulho em manchas que ao se fixarem rapidamente na tela, fazem com que eu busque mais tintas, e com doses pequenas de água debruce-me por horas em sobreposições de manchas.

As manchas ocorrem em um ritmo temporal cíclico que me conduzem a um pensamento reflexivo de como as cores e as transparências nos permitem uma

produção de formas e cores infinitas. Elas assemelham-se as cenas confusas e nebulosas que me vem em sonhos.

Quanto à tinta a óleo, o tempo é um elemento intimamente ligado às produções que empregam este material. O longo período para secagem da tinta, faz que o artista se conecte ao trabalho de forma contínua, pois às vezes essa tinta permanece fresca por mais tempo. Assim, as intervenções acabam sendo constantes e a alteração das imagens torna-se inevitável. Dessa forma, a conexão do artista com a obra é uma constante no tempo prolongado. Enquanto no caso da acrílica, o caráter da instantaneidade está bem mais presente.

A predisposição que tenho para observação da natureza, faz com que as combinações das cores se guiem pelas tonalidades da natureza. Em seguida apresento as etapas de produção de uma de minhas obras.





Figura 11: fases da elaboração da obra “ Mesclas”.
Foto: Aline Arruda
Data: 0/06/2016

As imagens acima são do processo de produção de um quadro. As posições variadas demonstram como a cada pincelada, novas sensações conduzem minhas ideias para outras direções, distintas das intenções iniciais.

Nesta tela está a experimentação que me levou à produção de uma obra com cores intensas e grande variação de tonalidades.

A sensação de sentir os movimentos do pincel e a partir disso perder-se em pensamentos, é viciante, ao ponto de se repetir tantas vezes e as camadas de tinta virarem uma crosta grossa e reluzente, como um revelo.

3.1. Ideias e anotações sobre meu trabalho prático para Diplomação em Artes Plásticas

Em uma viagem que fiz a Patagônia, na Argentina, certa vez, fiquei impressionada com a quantidade de tonalidades de azuis que refletem das geleiras e como essas cores variam ao longo do dia, conforme a incidência da luz solar. Assim, fiz uma série de fotos e guardei em meu computador para posteriores estudos.

Abaixo tem-se uma sequência de parte dessas fotos:





Figura 12: Série Registros fotográficos Patagônia - 2014
Foto: Aline Arruda
Data: 10/2014

Com base nesses estudos de luzes e cores, pensei em fazer para exposição do final do curso, na disciplina Diplomação, a série que denominei “Azuis”. Para isso, optei por 3 telas, de tamanhos diferentes, mas que apresentam uma razão constante: 60 x 80cm, 70 x 90cm e 80 x100cm.

Os materiais que usei foram tela, gesso, tinta acrílica, tinta a óleo, espátulas e pincéis.

A temática, não poderia ser diferente: a abstração a partir da observação da natureza, com sua imensa variedade de cores e luz.

Lembro que tal série, “Azuis”, é uma obra produzida neste semestre, entretanto, o trabalho prático para Diplomação constitui-se de mais duas telas que foram concluídas no semestre anterior.

A série "Azuis" veio em minhas ideias por meio das observações, reais e de fotos, do céu e das águas - rios, lagos e mares. O nome da série, eu escolhi mesmo antes de começar a produzi-la, pois, já havia concluído que essa cor é de fato predominante em meus trabalhos anteriores e que por isso, inevitavelmente ela se repetiria. Até porque o azul é uma cor muito presente na natureza, minha maior fonte de inspiração.

Nas três telas que constituem a série utilizei sobreposições de camadas de tintas com grande variação de tons. Valorizei a luz, com o uso de tons claros, delimitados por tons escuros, de modo que se intensificasse a profundidade.

Utilizei pincéis de vários tamanhos e formatos para que as formas das pinceladas fossem diferentes. Dessa maneira, suas texturas, criaram um jogo de luz, ainda que da mesma tonalidade.

Observa-se que a direção, forma e tamanho das pinceladas nos proporcionam sensações visuais de dinamismo na imagem. Ao contrário do que ocorre quando se utiliza a pincelada plana, lisa e contínua. A qual transmite a sensação de estático.

Como foi dito, além da série “Azuis”, na Disciplina de Diplomação, apresentei outras duas telas. Abaixo, tem-se uma delas:



Figura 13: Oceano por lentes - 2016
Técnica e Dimensões: óleo e acrílica sobre tela, 80 x 80 cm
Foto: Aline Arruda
Data: 07/06/2016

Nesta tela usei com abundância as cores, as tintas, os diferentes tons, de forma que tentei produzir diversos planos e profundidades. Esse trabalho desenvolveu-se em tempo prolongado, devido à natureza da tinta a óleo e ao meu próprio tempo de reflexão e amadurecimento das ideias, o que me permitiu várias etapas de anotações, misturadas a fases de reflexões e produções artísticas práticas.

4. Considerações finais

Concluídas algumas etapas do curso de Artes desta Universidade, como Projeto Interdisciplinar, Ateliê 1 e Ateliê 2, sinto que amadureci um pouco mais o desenvolvimento do meu trabalho, tanto na parte prática, quanto na parte de pesquisa e conseqüentemente na evolução do meu trabalho escrito.

Embasaram este trabalho, muitas leituras, com destaque a algumas que me apresentaram formas diferentes de entender e sentir a Arte. Sendo assim, durante a pesquisa, observou-se, de maneira sucinta, noções de arte e ideias que me possibilitam percebê-la com um sentido subjetivo. Já que a Arte não tem uma linguagem exata e objetiva, que nos permita ter uma única interpretação.

Quanto ao trabalho escrito, as pesquisas ao longo dessa disciplina, proporcionaram a construção de um texto que destaca a importância de vários artistas brasileiros, como Almeida Júnior, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Guignard, Volpi e Tomie Ohtake, para a formação e o desenvolvimento, ao longo do tempo, da Pintura brasileira. Sem deixar de citar, obviamente, as diversas influências de movimentos artísticos internacionais.

Sendo assim, está evidente a enorme contribuição que os artistas citados tiveram para história e desenvolvimento da Arte brasileira. Ainda, mais claro está a influência que estes artistas apresentam na minha maneira de produzir. Principalmente pelo uso das cores, das abstrações, das manchas, das sobreposições de tinta e da referência a temática da natureza.

Desse modo, a pintura agora me parece algo que vai além de representar coisas com tintas. Ela envolve ações que vão desde a conscientização do corpo e dos sentidos, envolvendo tempo, espaço e movimento, até o estudo das cores, a forma de expressão, a linguagem e a estética.

Ainda quanto à pintura, tem-se a questão das linguagens usadas nela. Sendo esta subjetiva, sem uma gramática, uma literalidade. Esta linguagem não tem significados e sim sentidos e ideias.

Neste contexto, cumpre lembrar que estamos imersos em infinitos estímulos, assim, é importante termos sensibilidade para sentirmos estes estímulos. Podemos senti-los de forma mais poética, ou simplesmente absorvê-los automaticamente. A forma de sentir as coisas modifica a maneira como aprendemos e refletimos sobre algo, de modo que aquilo que produzimos também se modifica a cada experiência.

Sobre o relato que fiz detalhando minha trajetória, este foi essencial para que eu pudesse mergulhar em mim mesma, a fim de buscar sentidos para as questões que surgiram com o desenrolar desta Disciplina e desse modo realizar uma reflexão a partir das minhas produções.

Quanto as minhas produções, pude conscientizar-me mais sobre a linguagem e a forma de expressão que utilizo, pois, as pesquisas permitiram um aprofundamento nas questões da pintura e conseqüentemente um pouco mais de autoconhecimento.

Assim, as obras apresentadas no Espaço Piloto, como parte da disciplina Diplomação, é uma amostra das observações, dos questionamentos, das experimentações e, enfim, das pesquisas realizadas durante o curso.

Ainda há muito para eu desvendar sobre as questões das Artes, seus sentidos, ideias e noções. E mais ainda sobre minhas produções artísticas. Ainda assim, destaco que esse período de investigação (leituras, discussões, produções práticas e auto avaliação) propiciou-me um crescimento psicológico-intelectual e um desenvolvimento nas minhas produções práticas também.

Por fim, esta disciplina de Diplomação foi essencial para continuidade e sedimentação do meu trabalho, pois a pesquisa ajudou-me a chegar a um eixo mais sólido de trabalho: a pintura, o uso das cores, da luz e da linguagem abstrata.

5. Bibliografia:

ALMEIDA, Aires. DEFINIÇÃO DE ARTE. Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica. Lisboa, ed. Universidade de Lisboa, 2014.

ALMEIDA JUNIOR – um criador de imaginários – Pinacoteca do estado de São Paulo. 2007.

AMARAL, Aracy. A luz de Almeida Júnior. In: José Ferraz de Almeida Júnior (1850/1890): um artista revisitado. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1999.

AMARAL, Aracy. Tarsila cronista/ Organização Aracy Amaral. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

AMARAL, Aracy A. Tarsila: sua obra e seu tempo/Aracy A. Amaral. – São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2003.

ARAÚJO, Olívio Tavares de. Pintura brasileira do século XX: trajetórias relevantes / Olívio Tavares de Araújo. – Rio de Janeiro: Editora 4 estações, 1998.

ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes 2002 (Coleção a).

ARGAN, Giulio Carlo. A arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BEAUTTENMULLER, Alberto Frederico. Viagem pela Arte Brasileira. São Paulo: Aquariana, 2002.

BIZUS, Ladi (Org.). 5 mestres brasileiros: pintores construtivistas: Tarsila, Volpi, Dacosta, Ferrari, Valetim. São Paulo: Livraria Kosmos Editora S.A.

CHIARELLI, Tadeu. Um Modernismo que Veio Depois: A Arte no Brasil – Primeira Metade do Século XX. São Paulo: Alameda, 2012.

DONDIS, Donis A., Sintaxe da Linguagem Visual. Ed. Martins Fontes, 1997.

DUARTE, Paulo Sergio. Arte brasileira contemporânea: um prelúdio. Rio de Janeiro: Silvia Roesler Edições de arte, 2008.

GOMBRICH, Ernst. A história da arte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1979.

GULLAR, Ferreira. Arte Contemporânea Brasileira. 1ª Edição. – São Paulo: Lazuli Editora Companhia Editora Nacional, 2012.

GULLAR, Ferreira: Relâmpagos – dizer o ver. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LOURENÇO, Maria Cecília França. Revendo Almeida Júnior, dissertação de mestrado. Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), 1980.

SOUZA, Gilda de Mello. Pintura brasileira contemporânea: os precursores. In revista Discurso, nº5, 1974.

TIRAPELI, Percival. Arte Moderna e Contemporânea: Figuração, Abstração e novos meios - séculos 20 e 21 / Percival Tirapeli. - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. - (Coleção Arte Brasileira)

VOLPI, A emoção da Cor. Galeria de Arte Almeida & Dale. 2014.

ZAMBONI, Silvio. Pesquisa em Arte – Um paralelo entre arte e ciência. Ed. Autores Associados. 2012.

<http://www.historia-brasil.com/seculo-19.htm> - acesso em 19/09/2015.

<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca>. Acesso em 22/09/2015

<http://www.institutotomieohtake.org.br/> - Acesso em 10/11/2016.

<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernidade/eixo/sahelena/volpi.htm> - Acesso em 10/11/2016